

Os gêneros plurais sob o polo da inspiração: caminhos traçados por Laplanche e sua Teoria da Sedução Generalizada¹

Ivy Semiguem Freitas de Souza de Carvalho²

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro³

Resumo

O trabalho problematiza a binariedade de gênero à luz da Teoria da Sedução Generalizada (TSG), de Jean Laplanche, diante da crescente expressividade de identidades não binárias e dissidentes que tensionam a normatividade cis-hetero-binária. Argumenta-se que o gênero pode ser pensado como efeito das mensagens enigmáticas transmitidas ao infante pelo outro cuidador, em situação fundante e assimétrica, e posteriormente organizado pelos códigos mito-simbólicos. A abordagem consiste em uma pesquisa teórica em psicanálise, conduzida por reconstrução conceitual da TSG em diálogo com transformações culturais contemporâneas relativas ao gênero. Discute-se que os processos de aculturação não se restringem ao polo da repetição/sintoma, podendo operar também no polo da inspiração. Sustenta-se, por fim, que os discursos de gênero contemporâneos podem assumir a função de códigos simbolizantes alternativos ao código falocêntrico e binário, abrindo espaço para modos mais plurais de subjetivação e simbolização do Sexual.

Palavras-chave: Gênero. Pluralidade. Sexual. Sublimação. Jean Laplanche.

¹ Este artigo deriva da tese de doutorado *O enigma plural do gênero*, de Ivy Semiguem Freitas de Souza de Carvalho, orientada por Marina Ferreira da Rosa Ribeiro e defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A pesquisa teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Pesquisadora associada ao Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LIPSIC – IPUSP/PUCSP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5472-0503> E-mail: ivy.souza@gmail.com. Instagram: <https://www.instagram.com/ivy.semiguem.psi/>

³ Psicanalista. Professora livre docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LIPSIC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1601-4744>. E-mail: marinaribeiro@usp.br. Instagram: https://www.instagram.com/ma_ribeiro000/

Introdução

Basta um olhar mais atento nas ruas, nas escolas, nos metrô ou na internet para perceber que certa fluidez vem se revelando nas mais variadas manifestações de gênero e sexualidade. No consultório, os jovens relatam suas experiências, desafios, prazeres e dificuldades ao bancarem, no dia a dia, contornos de gênero e/ou orientação sexual diferentes daqueles que lhe foram outrora designados, seja no nascimento, seja durante os primeiros anos de vida. Cada vez mais sendo nomeada e reconhecida, a pluralidade do gênero aparece.

Os “novos gêneros” são muitos. Encontramos uma explosão de multiplicidades que é desafiadora acompanhar. Temos os não binários e, entre eles, os transgêneros, as travestis, os boycetas, os gêneros fluidos, os agêneros, entre outros. E, como hoje sabemos, todas essas formas de exprimir e praticar os gêneros não têm relação direta com as múltiplas formas de orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual etc.). Em última instância, apesar de não ser um fenômeno novo nem exclusivo da nossa cultura, as manifestações de identidade sexual são incalculáveis, sendo que a chave binária das organizações de gêneros se torna cada vez mais contestada.

No entremeio dessas discussões, a psicanálise passa a ser questionada acerca do alcance de seu corpo teórico-conceitual para compreender os diversos contornos dessa conjuntura. Na medida em que os gêneros dissidentes insurgem, recoloca-se o histórico embate sobre a crítica de que, nos fundamentos teóricos da psicanálise, o par masculino-feminino é reafirmado como norma e tomado a partir de uma binariedade inquestionável. De tal modo que essas “mutações antropológicas contemporâneas” (Ayouch, 2019, p. 19), juntamente com os discursos feministas e de gênero presentes na cultura, a tensionam, não apenas no que diz respeito às questões ideológicas presentes em seu corpo teórico, como também aos seus desdobramentos na prática clínica. A nós, psicanalistas, cabe perguntar: em que medida podemos escutar o Sexual em sua radicalidade, pensá-lo no contexto das mudanças históricas e culturais e, ainda, relacioná-lo à nossa própria teoria?

Diante dessa pergunta, este artigo procura problematizar o binarismo a partir da Teoria da Sedução Generalizada (TSG), de Jean Laplanche (1968/1988; 1980/1988; 1987/1992; 1995/2001; 1997/2001; 2007/2015a; 2007/2015b; 2016), e suas formulações sobre a pluralidade do gênero. Com base na distinção que essa teoria faz entre metapsicologia e mito-simbólico, defendemos que esse último sistema, que pode ser pensado como contingencial, vem transformando e colocando em movimento os processos de aculturação em novas simbolizações. É nos movimentos dos processos sublimatórios, oscilante entre o polo do sintoma e o da inspiração, que se desdobra nossa análise sobre os gêneros plurais.

O percurso aqui se constrói alicerçado em uma leitura psicanalítica dos textos de Laplanche, inspirada no método analítico – associação livre e atenção flutuante aplicadas ao material teórico – e orientada por retornos espiralados a passagens-chave de sua obra (Laplanche, 1987/1992). Esse procedimento, descrito por Laplanche e aprofundado por comentadores, permite explorar o descentramento do sujeito e o trabalho de tradução do Sexual, reabrindo tensões entre metapsicologia e código mito-simbólico (Laplanche, 1997/2001). Nesse horizonte, a investigação trabalha com elementos culturais recentes –

debates públicos sobre gênero, linguagem e dissidência – como índices de transformações mito-simbólicas em curso. O percurso argumentativo avança, assim, da problematização contemporânea do gênero à reconstrução conceitual da Teoria da Sedução Generalizada e, por fim, à proposição de que a pluralidade de gênero reabre o campo de tradução do Sexual num sentido não binário.

A metodologia adotada, formulada por Laplanche (1968/1988) como o gesto de “fazer o texto trabalhar”, afirma a possibilidade de ler os escritos psicanalíticos por meio de um método psicanalítico. Trata-se de uma pesquisa teórica em psicanálise, entendida como uma operação que reconstrói problemas conceituais na interseção entre tradição e atualidade e que se dirige pela coerência conceitual, pela fecundidade interpretativa e pela capacidade de iluminar impasses clínicos e sociais relativos ao gênero. Nota-se, desse modo, que a problemática do gênero faz reaparecer questões já presentes na tradição psicanalítica, especialmente no que concerne ao estatuto do Sexual e ao lugar dos códigos simbólicos que o organizam.

Em primeiro lugar, a pluralidade do gênero

A crítica feminista e *queer* deslocou o binarismo sexual do registro da natureza para o da tecnologia política, expondo seu papel na regulação dos corpos e na produção de sujeitos sexuados. Como reconstrói Pombo (2024), tal crítica tensiona a psicanálise em dois flancos complementares: de um lado, ao problematizar a naturalização da diferença sexual e o privilégio do falo como operador simbólico; de outro, ao desestabilizar as categorias identitárias e a matriz heterossexual que sustentaram, por décadas, a arquitetura teórica e clínica do campo. No início do século XX, Horney (1991) problematizou as leituras biologizantes da feminilidade na obra de Freud, mostrando que noções como “inveja do pênis” e “masoquismo feminino” recobriam efeitos de uma cultura patriarcal específica e de um modelo particular de família burguesa ocidental, em vez de expressarem uma suposta “natureza feminina” universal (Silva & Ferrari, 2025). Irigaray (2017), inserida nos feminismos da diferença, denunciou o falocentrismo freudiano-lacaniano e propôs a positividade simbólica do feminino, recusando que este apareça apenas como falta, derivação ou negativo do masculino (Pombo, 2024). Já com a emergência da teoria *queer*, naquela que foi denominada terceira onda feminista, o eixo crítico se desloca. Butler (2002) argumentou que tanto o sexo quanto o gênero são efeitos de práticas discursivas reiteradas, de modo que a matriz binária e heterossexual da psicanálise não pode ser tomada como estrutura universal, mas como regime normativo contingente. Mais recentemente, Preciado (2022) forneceu ainda um novo giro ao descrever o gênero como produto de tecnologias biomédicas, farmacológicas e midiáticas de governo dos corpos, interpelando diretamente a psicanálise por ainda organizar sua clínica segundo a epistemologia da diferença sexual binária. Como mostra Pombo (2024), esse conjunto de contribuições desloca o gênero do terreno da natureza para o campo discursivo e biopolítico, produzindo uma multiplicidade de posições de enunciação e enfraquecendo o falocentrismo como matriz normativa da sexualidade.

O deslocamento promovido por essas críticas não se fez à revelia da psicanálise e grande parte desse debate foi dirigida aos seus pressupostos de base. A psicanálise passou, assim, a reavaliar seus próprios alicerces conceituais, configurando-se como um campo perpassado por tensões teóricas e clínicas. De um lado, persistem perspectivas que derivam a sexuação da solução edípica e da articulação fálico-castrativa, concebendo a diferença sexual como destino estrutural binário, regulado pela lei simbólica e pelo complexo de Édipo (Freud, 1924/2006; 1931/2006; Lacan, 1998/1999). De outro, emergem leituras que questionam essa naturalização e enfatizam a historicidade dos códigos que organizam o gênero, reconhecendo o papel das formações discursivas, das narrativas culturais e das inscrições míticas na constituição das identificações sexuadas (Bleichmar, 2015; Dejours, 2006; Laplanche, 2007/2015a).

É nesse segundo horizonte que a proposta laplancheana adquire especial pertinência. Embora não tenha sido o único autor que se engajou na complexa tarefa de situar o gênero na teoria psicanalítica, podemos pontuar ao menos duas grandes contribuições de sua autoria. A primeira é que a TSG se assenta sobre a *primazia da alteridade* nos processos de designação e constituição do sujeito psíquico. Desse modo, o conceito de gênero não é pensado a partir de uma suposta essência das categorias de masculino e feminino, mas leva em consideração a tensão entre a alteridade e a identidade/identificação de gênero (Lattanzio, 2011). A segunda contribuição está no modo rigoroso com que o autor insere o gênero no arcabouço psicanalítico, retrabalhando-o à luz da sexualidade e do inconsciente. Curiosamente, alinhado à discussão sobre o gênero desde a década de 1980, Laplanche já questionava a oposição social entre masculino e feminino como pontos naturais de chegada. Para ele, a inserção do conceito estaria justificada de antemão pelo fato de que o gênero é um assunto presente na obra freudiana, mesmo que nas entrelinhas. O exercício que caberia à psicanálise seria, então, retrabalhar o conceito de gênero, tarefa essa que Laplanche leva adiante ao inserir a pluralidade de gênero desde a fundação da tópica do sujeito.

Em sua perspectiva, os termos “gênero”, “sexo” e “Sexual” estão associados, nessa ordem, à sedução originária. Essa última, por sua vez, é compreendida como uma realidade presente em todos os seres humanos, inerente à própria situação de cuidados autoconservativos e marcada pelos afetos conscientes e inconscientes dirigidos pelo cuidador ao bebê. Trata-se da *Situação Antropológica Fundamental*, uma relação assimétrica entre o adulto e o infante, que não é contingencial, mas universal e irreduzível.

Inevitavelmente, ao cuidar, limpar, amamentar etc., o grupo de pessoas próximas ao bebê realizam uma atribuição contínua de mensagens de gênero. São designações que se expressam pela linguagem, mas também pelos comportamentos, compondo uma verdadeira prescrição, um “bombardeio de mensagens” (Laplanche, 2007/2015a, p. 167). Assim, o que viria primeiro seriam as designações de gênero, pois antes mesmo de a criança ser capaz de se identificar com os adultos a sua volta, são estes, o *socius* de sua pré-história individual, que fazem uma “identificação por” ela.

No entanto, essa atribuição de gênero não estará apenas impregnada de desejos e expectativas conscientes dos cuidadores, mas carregará também o polimórfico perverso, os fantasmas, o plural composto pelos conteúdos conflitivos de gênero de cada um. Isso quer dizer que a linguagem consciente e pré-consciente dos pais é inevitavelmente transpassada

pelo inconsciente destes. Por exemplo, quando uma criança recebe a prescrição “você é uma menina”, recebe uma tradução de feminilidade que os pais foram capazes de fazer juntamente com tudo aquilo que recalcam. O que circula no centro da transmissão de gênero é o inconsciente do outro, a outra-coisa (*das Andere*), que se mantém em sua alteridade radical pela outra-pessoa (*der Andere*), por meio da sedução (Laplanche, 2007/2015b). Por isso, os conteúdos de gênero são primeiro e plurais, pois precedem a descoberta do sexo.

À criança resta lidar com todas essas mensagens recebidas. Aquilo que ela for capaz de traduzir constituirá o seu Eu, sendo este uma representação de si mesmo masculina, feminina ou outra; e aqueles conteúdos que ela não conseguir simbolizar, o resto da tradução, serão recalcados constituindo o inconsciente, o seu Sexual-pulsional.

Diante dessa missão tradutiva de simbolização do plural, o infante poderá lançar mão de alguns recursos, por exemplo, o próprio sexo anatômico. Laplanche (2007/2015a) propõe que “O gênero é adquirido, designado, mas enigmático até os quinze meses de vida aproximadamente. O sexo vem fixar, traduzir o gênero no decorrer do segundo ano, ao longo do que Roiphe e Galenson denominam a ‘fase genital precoce’” (p. 169). O sexo opera à medida que oferece *um possível* contorno à pluralidade do gênero. Isso porque a descoberta anatômica, na qual se ressignifica o gênero, não diz respeito a um determinismo biológico, fisiológico ou hormonal, mas trata-se de uma anatomia perceptiva e fantasiada. É no seio de uma rede fantasmática que se dá a simbolização das mensagens enigmáticas, em termos de teorias sexuais infantis, como a da castração e as fantasias associadas a ela.

A castração configuraria um “sistema codificado” que, ancorando-se na anatomia fantasiada (tem ou não tem), resultaria em um “mito binário” que transforma a diversidade plural dos gêneros em diferença binária dos sexos (Laplanche, 1995/2001, p. 205). Em outras palavras, o sexo recalca o gênero, tornando a multiplicidade em diferença. Mais tarde, tal diferença poderá ser ressignificada nas teias da trama edípica. Trama já assentada na cultura, na medida em que seus personagens se relacionam com tudo aquilo que a sociedade coloca como parâmetro. Por isso, nessa perspectiva laplancheana, a castração e o Édipo não dizem respeito ao conteúdo recalcado, que está lá no inconsciente, todavia são complexos que pertencem ao domínio mito-simbólico, funcionando como recalcoadores, isto é, como parte da defesa e da simbolização. Não são processos filogenéticos ou universais, mas construídos na e pela cultura.

Tais prerrogativas nos levam a questionar: Como, então, poderíamos separar os conteúdos ideológicos daqueles que são tidos como os conceitos fundamentais de nossa teoria? É possível filtrar o irredutível da psicanálise daquilo que é histórico e cultural? Para “fazer trabalhar” as nossas teorias sem descaracterizar o que é propriamente psicanalítico, a pergunta epistemológica de fundo deve ser sobre onde situamos as fronteiras do “propriamente psicanalítico”. De fato, os pressupostos laplancheanos oferecem argumentos que permitem “fazer trabalhar” a nossa questão.

A epistemologia laplancheana: a metapsicologia e a função mito-simbólica

Atento à questão da cientificidade da psicanálise e pautado numa concepção realista do inconsciente, Laplanche extrai do filósofo austríaco da ciência Karl Popper a base de seu

raciocínio. O psicanalista francês compreende o exercício de refutabilidade na obra de Freud principalmente quando este constrói e reconstrói as suas teorias sobre a pulsão, a paranoia e as neuroses. Por isso, não apenas o conjunto da obra estaria no crivo da falseabilidade, como também seria possível discernir, em “níveis de enunciados”, aquilo que seria de fato considerado científico e falseável e aquilo que, daí sim, mereceria o título de “metafísico”, por não poder ser falseado.

Para Laplanche, não seria possível prescindir dos níveis dos enunciados e a coerência interna da teoria psicanalítica. A psicanálise associada à metafísica e ao pensamento mítico sem um trabalho cuidadoso e sistemático de reflexão incorre no risco de se tornar um mito-científico. Desde a “novela familiar do neurótico” de Freud (1909/2006) e, depois, do “mito individual do neurótico” de Lacan (2007/2008), a função mítica vem avançando sem discriminação no seio da psicanálise: “Por que e como o pensamento mito-simbólico, redescobrimento capital da psicanálise, tendeu indevidamente a converter-se no todo da psicanálise, para seus adversários, mas também para ela mesma?” (Laplanche, 1997/2001, p. 216).

Com essa diretriz em mente, o autor determina dois domínios opostos que se diferenciam em termos de conteúdo, método e campo de aplicação: de um lado, a metapsicologia, que é a teoria do Sexual e que seria a teoria científica da psicanálise; e, de outro, o mítico-simbólico, com os simbolismos, os roteiros e a tipicidade, além dos grandes complexos e das teorias sexuais infantis ou adultas, que fariam parte do nível metafísico, *i.e.*, tudo aquilo que entende como puramente ideológico e não científico. E entre esses dois grandes polos — o teórico científico e o hermenêutico metafísico — teríamos os níveis intermediários, no qual Laplanche (2007/2015a) situa as teorias do conflito, da psicopatologia, do sintoma, dos atos falhos e do sonho.

No texto *A psicanálise: mitos e teorias* (Laplanche, 1997/2001), o autor brinca que os descobrimentos essenciais de Freud se contam com os dedos de uma mão. A metapsicologia à qual se refere concerne ao processo de recalçamento responsável pela fundação do aparelho psíquico e as suas grandes instâncias (eu, inconsciente, supereu e instâncias ideais). Toma o modelo tradutivo, inspirado na *Carta 52 a Fliess*, como ponto de partida porque este oferece maior proximidade entre o metaforizante (a tradução) e o metaforizado (a repressão). Esse primeiro campo, aberto por Freud, diz respeito a uma invenção: a situação analítica e o método associativo, instrumento inédito que permitiu descobrir o inconsciente. Método que permite abandonar-se nas cadeias associativas, mergulhando-se nas lembranças, divergências e intersecções que conduzem ao desligamento do inconsciente. Assim, o método analítico teve origem no campo de aplicação individual, da interpretação do sonho e do sintoma, diferentemente do método simbólico, que advém do campo cultural.

Já a abertura do segundo grande campo da psicanálise se situaria entre 1906 e 1911, período em que progrediram a instalação dos complexos de Édipo e castração, ao mesmo tempo em que multiplicaram os roteiros típicos, aqueles encontrados nos sonhos, nos simbolismos e nos mitos. Refletindo sobre cada um desses termos, Laplanche (1997/2001) mostra a origem e a relação entre eles:

Simbolismo, tipicidade, complexos, resta adicionar um quarto elemento, que é o mito. No capítulo “Os sonhos de morte de pessoas queridas” é, sem dúvida, o mito do Édipo tal como Sófocles o coloca em cena e que constitui a referência maior, algo assim

como o catalisador que leva o conjunto a “ligar-se” em um todo coerente. Não se trata apenas de uma confirmação do complexo no mito. De aqui adiante a leitura do mito é considerada mais importante, como lugar e o teste de verdade da simbólica (p. 220, grifos nossos).

Sua crítica é que, aos poucos, os mitos, os contos de fadas, os folclores e todo um aporte exógeno à psicanálise passaram a ser considerados a verdade do inconsciente, aquilo que revela o complexo das neuroses, o núcleo imutável do inconsciente. Foi nessa mesma direção transcendental que seguiram as teorias sexuais infantis. “Nascida” na análise do pequeno Hans, a teoria da castração foi transmutada em mito psicanalítico, “tendo começado por ser uma teoria das gêneses dos sexos, se transfigurar a ideia de uma castração operada entre a mãe e seu filho; e, mais geralmente ainda, ‘a castração’ passará a ser, de maneira perfeitamente metafísica, um simples modo de falar finitude” (Laplanche, 1997/2001, p. 221). A castração, então, acaba se tornando um universal na psicanálise, mesmo que, como o autor insiste em diversas ocasiões⁴, os etnólogos mostrem que os rituais de corte, como a circuncisão, têm um significado muito menos unívoco que essa lógica fálica binária sustentada pela versão moderna psicanalítica.

É importante pontuar que o nível mítico-simbólico não seria menos importante que o científico. Os mitos, os contos de fadas, os simbolismos, os complexos são catalisadores que auxiliam a criança a ligar os significantes dessignificados em uma narrativa relativamente coerente. Compõem importantes recursos de tradução, que transformam a pulsão sexual de morte (desligada) em pulsão sexual de vida (ligada). Por isso, não se trata de eliminar esse campo, mas de articulá-lo ao campo já existente da metapsicologia por meio de exercícios de sistematização.

Laplanche (1997/2001) faz isso quando, por exemplo, pensa o método que opera em cada um desses campos, afirmando uma oposição entre o método simbólico e o método associativo. O método analítico original nunca buscou revelar um sentido latente inconsciente, como se houvesse um segundo discurso simultâneo mais verdadeiro no inconsciente, mas buscava recuperar alguns elementos significantes que foram originalmente excluídos ao serem recalçados e que, no melhor dos casos, poderiam ser reinseridos no discurso consciente para fazer aparecer ali um sentido mais satisfatório. Já o método simbólico, como Freud o descreve, se opõe ao método analítico associativo, posto que é compreendido como a leitura de um sentido oculto.

O autor chega à conclusão de que quando um método fala o outro se cala. Para exemplificar, ele retoma *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2006) e o sonho do homem do machado para mostrar como, nesta interpretação realizada por Freud, eram as associações que falavam, conduzindo a cenas bifurcadas de violência, rivalidade fraterna até à percepção do coito parental. A ênfase do autor é que em nenhum momento Freud usou a palavra castração ao tratar desse sonho, mas deixou as associações falarem enquanto a leitura simbólica permaneceu silenciada. Caso contrário, se Freud tivesse lido a castração no homem do machado, é provável que as associações teriam permanecido mudas. Daí o risco de tomar o método simbólico como o primordial da psicanálise:

4 Cf. Laplanche, J. (1980/1988).

O pensamento mito-simbólico não se reduz a uma bateria de símbolos. Reside principalmente em um sistema de ligação destes símbolos. Para dizer tudo, o simbólico de Lacan não está tão distante da simbólica . . . Mas, essa, por desgracia, se simplificou e, por sua vez, se converteu em uma uniformidade desoladora. Quando chega a considerar obsoleto o método associativo ou, simplesmente, quando se faz calar as associações cortando a palavra aos cinco minutos, então a invasão intrusiva, o *Eingriff* do simbólico corre perigo de enunciar-se assim: “Silêncio, associações! Eu, a castração, falo!” (Laplanche, 1997/2001, p. 227).

Sem dúvida, uma crítica pertinente ao uso generalizado que pode ser feito do método simbólico, uma vez que calam as possíveis construções criativas singulares de novas organização das cadeias associativas e, conseqüentemente, da sexualidade, tomando o simbólico como coordenadas (triangulares edípicas) inalteráveis, não só como verdadeiros balizadores do sucesso ou do fracasso da sexualidade, mas como leis de fundação da cultura humana. Disso se entende que os conteúdos mito-simbólicos não revelam o mais profundo e arcaico do inconsciente individual, sendo auxiliares de tradução oferecidos pelas produções culturais coletivas e, por isso, contingenciais. Oriundos de “fora”, carregam, dessa forma, as características da cultura e do tempo histórico em questão:

Com efeito, se a castração é uma lei culturalmente inculcada, continente em relação ao que constitui o mais profundo dos nossos desejos, nada impede que se indague se ela não estará vinculada a um certo tipo de sociedade ou a certos tipos de sociedade ou mesmo, mais além, a uma sociedade mais radicalmente falseada, uma sociedade androcêntrica, centrada, portanto, no primado da problemática masculina, do falo e de sua supressão (Laplanche, 1980/1988, p. 164).

Para o que nos interessa aqui, a questão é que, em nosso momento histórico-cultural, o custo da normatização falocêntrica, seja em termos culturais, seja em termos clínicos e psíquicos, torna-se cada vez mais exposto e incontornável. Por meio do feminismo, dos estudos de gênero e do ativismo *queer*, certas violências até então silenciadas — mecanismo de recusa necessário para naturalizar e manter a ordem de um único modo de tradução de sexualidade e de gênero — tornam-se descobertas e questionadas.

Essas violências perpassam diversas camadas no contexto brasileiro e o país acaba se tornando um temeroso laboratório de problemas relacionados. Além de mulheres com tripla jornada se tornar um fato naturalizado, recebendo salários 30% mais baixos do que de homens, o Brasil é o quinto país quando se trata de feminicídio, sendo que, majoritariamente, as vítimas são mulheres negras e pobres. Do mesmo modo, é o país que mais mata pessoas trans no mundo, contraditoriamente sendo o que mais consome pornografia trans (Benevides, 2024; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023; ONU Mulheres & UNODC, 2024). Entre inúmeros outros, os dados impressionam e convocam os mais jovens a repensarem as implicações de modos de normatização de condutas de gênero. Cada vez mais vem sendo denunciado na cultura do país como que uma estrutura mito-simbólica machista pode afetar a saúde e a vida, não apenas das mulheres e dos gêneros dissidentes, como também revelando grandes prejuízos aos próprios homens. Em tempo, não só certas traduções de feminilidade e masculinidade passam a ser interrogadas, como a própria binariedade entra em crise.

Não se trata de propor que os esquemas mítico-simbólicos tradicionais estão parando de ser transmitidos, posto que apresentam certa capacidade de ligação e pregnância, mas de pensar como estão sendo reconstruídos pela cultura. Um exercício de pensamento que adquire uma grande contribuição sob a pena de Laplanche, quando propõe que o enigmático carrega uma dimensão de *inspiração*, (re)abrindo o originário e incitando o sujeito a fazer novas traduções.

Sistemas mito-simbólicos e inspiração no processo de aculturação

Enquanto Freud entende a cultura como produto da intensa dinâmica entre destinos repressivos e/ou sublimatórios, Laplanche repensa esses processos sob a égide de sua teoria tradutiva. Ele apresenta uma concepção na qual a sublimação não se resume ao destino do desejo do sujeito em direção aos ideais culturais socialmente valorizados, mas está associada ao processo originário e no cerne da própria civilização. Numa tentativa de fundamentá-lo metapsicologicamente, Laplanche rearticula a sublimação à discussão dos dualismos pulsionais e avança para a dimensão cultural, situando-a sob dois polos: um da repetição/sintoma e outro da inspiração.

Nessa perspectiva, a sublimação não é concebida como um processo isolado ou uma mera satisfação substitutiva, mas como o próprio processo normal de aculturação. Retomando a metáfora freudiana do Zuiderzee — a vasta área alagada na Holanda que foi drenada para se tornar habitável —, Laplanche (2016) define esse trabalho psíquico como a tentativa contínua do Eu de “drenar o Zuiderzee do Isso, transpondo em parte as pulsões de morte em pulsões de vida” (p. 44). Assim, afasta-se da ideia de um domínio definitivo do Eu sobre o Isso, propondo, em seu lugar, um esforço interminável de contenção, canalização e transformação do pulsional desligado em experiência simbolicamente habitável. Nessa releitura, a famosa fórmula freudiana “Wo Es war, soll Ich werden” passa a significar que, “onde predominava a pulsão sexual de morte, deve advir Eros, a pulsão de vida” (p. 40). Esse trabalho de ligação, que constitui a própria sublimação, opera sobre os significantes dessignificados do Id, conferindo-lhes sentido por meio de duas vias fundamentais: a imagem narcísica e os sistemas mito-simbólicos.

O primeiro modo de ligação, pela imagem narcísica, é denominado por Laplanche gestaltista e é eminentemente rudimentar. Nele, o Eu impõe uma unidade ao anárquico da pulsão, por meio de sua própria forma unitária corporal. Trata-se de um modo de simbolização com ligação simples e que diz respeito à constituição da *forma* a partir de sua relação com a fase do espelho e com a imagem totalizada do próprio corpo. De outra parte, encontramos o modo de ligação pelos sistemas mito-simbólicos e este tem relação com o *conteúdo*, com o significado e com a colocação daquela tradução-ligada em um contexto narrativo. Essa faceta da ligação está necessariamente inserida em uma visão de mundo, compondo uma rede de significantes e, por isso, sendo sempre histórica e ideológica.

Podemos situar esse duplo processo sublimatório recorrendo ao texto “O gênero, o sexo e o Sexual” (Laplanche, 2007/2015b). Relembramos que nesse texto o autor afirma que os conteúdos de gênero chegam antes ao infante, pelo processo de *identificação por*

realizados pelos pais. Esses conteúdos são plurais, pois, ao mesmo tempo em que os pais transmitem as traduções de gênero ligadas e organizadas, também inoculam na criança os seus restos de tradução, isto é, os significantes dessignificados. A princípio, é o sexo, como anatomia fantasiada, que ajuda a fazer ligações e, aos poucos, fundar o Eu. Trata-se, então, da simbolização gestáltica e narcísica que, nesse caso, tem uma tendência à binariedade, em parte, pela anatomia.

Só que essa modalidade de ligação do Eu por meio da imagem corporal opera dialeticamente com o outro modo de ligação, aquela dos sistemas mito-simbólicos. Estes, por sua vez, rapidamente colocarão a anatomia fantasiada em redes de significações culturais, como pode ser visto no exemplo do complexo de Édipo. Esse código tradutivo coloca a tradução gestáltica e narcísica do corpo sexuado numa rede, atribuindo-lhe uma narrativa: o menininho que deseja a mãe e quer vencer o pai, restringindo, assim, a pluralidade de posições identificatórias. Destarte, o fechamento do Eu (que nunca é completo, evidentemente) ocorre à medida que o sujeito realiza traduções que ofereçam estabilidade, isto é, que permitam a simbolização de sua identidade de gênero tanto em forma (gestaltista/narcísica) quanto em conteúdo (mito-simbólico).

Entendemos que parte do que atualmente vem sendo questionado em nossa cultura ocidental passa por essas duplas vias de simbolização do Eu. As manifestações plurais de gêneros questionam o corpo binário como elemento de ligação. Nessas novas formas de organizar barreiras narcísicas fundantes do Eu, de maneiras mais fluidas e menos rígidas, ocorre uma retradução não apenas do modelo gestáltico, como também dos próprios sistemas mito-simbólicos que tomam uma narrativa como verdade absoluta. Nessa dialética, as formas de simbolização dos gêneros, juntamente com os códigos mito-simbólicos, vão se transformando e colocando em movimento os processos de aculturação. A elaboração do novo que aparece no plano cultural seria o resultado de um dos polos presentes no processo sublimatório, não correspondendo necessariamente a sua totalidade. É justamente nesse movimento que Laplanche (2016) vai situar o polo da inspiração:

Não vejo como se poderia distinguir da sublimação esta progressão de Eros em cada existência individual, principalmente por meio da simbolização. Ela é a própria sublimação, como integração das metas sexuais anárquicas numa perspectiva “socialmente valorizada”.

Pode-se situar este movimento da sublimação entre dois polos: o do sintoma e o do que eu designo como inspiração (p. 45).

Embora os mecanismos de ligação sejam próprios da sublimação, a forma como essa ligação ocorre constantemente oscila entre os polos. No polo do sintoma, encontramos a repetição, a restrição e o recalçamento, circunscrevendo o processo de simbolização que acontece a partir das pulsões já constituídas pelo recalçamento. É nesse polo que se assenta a dimensão patológica — já tão bem descrita por Freud — e que se organizam as leis determinadas pelo superego. Portanto, trata-se de um polo que diz respeito à repetição e que reitera fronteiras, na medida em que corresponde ao movimento de *fechamento*.

No outro polo, encontramos a inspiração, responsável pela potência criativa do sujeito. Dimensão ligada ao enigma, à origem da pulsão, correspondendo àquilo que ficou a salvo do

recalcamento e que pulsa e inspira a produzir e a simbolizar. Aqui falamos basicamente do Sexual, aparecendo como uma reminiscência da primazia do outro. O que inspira é a alteridade que habita no sujeito e que continua a instigar e a convocar novas traduções. Por isso, é um polo que diz respeito ao movimento de *abertura*, pois se assenta naquele ponto insondável no qual o Eu e o outro se misturam.

Agora podemos pensar essa nova dialética dos processos sublimatórios relacionando-a com os gêneros. A sublimação que reside no polo da repetição, aquele situado ao lado do fechamento e que subjaz a um caráter mais gestáltico, pode ser responsável por abarcar a concepção binária de gênero. É a partir desse modo de processamento que se asseguram as traduções totalizantes, rígidas e mais inflexíveis. Afinal, a binariedade implica fechar, repetir e classificar.

De outra parte, a inspiração é o polo de simbolização que trabalha a favor da abertura e que, portanto, admite o questionamento dos modelos rígidos. É por isso que se torna possível suspeitar de que as manifestações contemporâneas dos gêneros estejam predominantemente situadas sob o domínio desse polo, já que admite traduções capazes de tolerar a convivência com o parcial, com a sexualidade pré-genital e, inclusive, com o não ligado.

Laplanche (2016) reconhece que, “a partir do momento em que incluímos [as pulsões pré-genitais] nos processos gerais de ligação, a ‘genitalização’ perde seu privilégio, sua situação singular em relação ao movimento geral de aculturação, e, obviamente, também ao de sexualização” (p. 41). Quer dizer, quando passamos a compreender as pulsões pré-genitais como algo que também já foi ligado por meio do processo sublimatório, passamos inevitavelmente a atribuir outro *status* aos fragmentos, à fluidez e à multiplicidade não totalizadas. Talvez, renunciar ao verbo ser, pelo menos como ilusão de totalidade, pode ser uma tentativa de fazer as pazes com a dolorosa ideia de que a “nossa origem não nos pertence” (Belo, 2011, p. 65).

A tolerância à fluidez é condizente com os movimentos atuais que (re)organizam gênero e sexualidade. Laplanche (2007/2015b) já se questionava se os esquemas narrativos do universo cultural seriam mesmo incontornáveis: “não existem modelos de simbolização, mais flexíveis, mais múltiplos, mais ambivalentes?” (p. 171). A aposta do autor é que sim: poderiam existir outros códigos que auxiliem a conter o desligamento que advém das mensagens do outro.

Haverá pressentido que minha resposta é que os roteiros mito-simbólicos têm por função capital permitir à criança que chega ao mundo (ao mundo humano) tratar as mensagens enigmáticas procedentes do outro. Mas, para alcançar maior clareza, ainda temos que nos livrar de duas dívidas que a mitologia e os mitologistas nos deixam: centrar-se nas formas elaboradas dos relatos míticos sem se interrogar sobre o modo que o mito passa à criança; e centrar-se nos mitos etnográficos (assim como os da Grécia antiga) sem interrogar-se sobre as formações e roteiros que, *hoje em dia e no Ocidente*, encarnam a função mito-simbólica. A psicanálise talvez nos tenha cegado sobre este último ponto, ao tentar impor como só e único mito contemporâneo versões simplificadas, nascidas do falocentrismo freudiano e depois lacaniano (Laplanche, 1997/2001, p. 232, grifos do autor).

Considerações finais

Pensar as formações e roteiros que encarnam a função mito-simbólica hoje no Ocidente é um convite que continuamos desenvolvendo em outro lugar. Aqui procuramos chamar atenção para a derrocada desses contornos estruturalmente falocêntricos e calcados na binariedade de gênero. Mais do que um movimento teórico sistematizado sob os moldes acadêmicos, a problematização dessa binariedade já aparece alicerçada em inúmeras produções culturais e perpassando novas teorizações sobre sexo, gênero, sexualidades. Não por acaso, os desdobramentos dessa problematização incidem diretamente no conhecimento psicanalítico, visto que se trata de uma teoria que pergunta pela escuta do Sexual. A nossa contribuição ocorre ao retomar os caminhos traçados por Laplanche e sua TSG para evidenciar que as narrativas mito-simbólicas não podem ser tomadas como verdades absolutas e que, em suas modificações, o processo de aculturação pode ocorrer em vias sublimatórias pensadas no polo da inspiração.

Para continuar na procura e escuta do Sexual, cabe à psicanálise mais do que o entendimento de que essas narrativas seriam meras mudanças de hábitos (o que, concordamos, poderiam recair naquilo que Lattanzio (2020) denomina de historicismo ingênuo). Uma frente que identificamos como bastante fecunda nesse sentido é a associação dessa possível transformação mito-simbólica (que oferece códigos alternativos) às revoluções da comunicação. Nestas, facilitadas pelo advento da cibercultura — um meio fluido e rizomático —, basta um clique para acessar e fazer parte, por exemplo, de movimentos ou coletivos feministas e de causas *queer*. Diferentemente das mídias de massa (imprensa, rádio, cinema, TV), em que a mensagem midiática não pode explorar o contexto particular do destinatário, mantendo os receptores na esfera do espetáculo, a cibercultura permite que os jovens sejam os atores dessa construção (Lévy, 1999). Eles agora podem lançar seus canais no YouTube e compartilhar suas percepções, angústias, críticas e teorizações de gênero e sexualidade, atuando como operadores e fabricantes dessa construção de maneira ativa. Exemplo disso é a própria língua portuguesa, que, embora conviva com uma norma culta conservadora e menos suscetível a mudanças, confronta-se com a demanda da linguagem neutra e a linguagem inclusiva por meio de movimentos sociais que compõem a evolução da língua.

Por fim, compreendendo que para se tornar parte do mito-simbólico a narrativa tem que ser capaz de simbolizar e recalcar o enigma do gênero, tanto em forma quanto em conteúdo e sentido, perguntamo-nos o quanto as redes digitais possibilitam movimentos sublimatórios voltados para o polo da inspiração, polo menos refratário ao enigma e ao descentramento. Na pluralidade interconectada, os novos atores, personalidades de meios virtuais de comunicação, criam narrativas, difundem teorias e também se colocam como modelos, oferecendo outras posições identificatórias, funcionando como outros ideais simbolizadores. Sob o polo da inspiração, poderiam os novos discursos de gênero na contemporaneidade já estarem assumindo uma função mito-simbólica alternativa ao código binário?

Referências

- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade, subjetivações*. Curitiba: Calligraphie.
- Belo, F. (2011). O umbigo e o cogumelo: sobre a subjetividade em Freud. *Sobre o amor e outros ensaios de psicanálise e pragmatismo*. (pp. 59-67). Ophicina de Arte & Prosa.
- Benevides, B. G. (2024). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. Brasília: Distrito Drag; Antra. Recuperado em 15/04/2026 em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>
- Bleichmar, S. (2015). O que resta de nossas teorias sexuais infantis? *Percurso*, 54, 9-22. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/300/317>>.
- Butler, J. (2002). *Gender trouble*. New York: Routledge.
- Dejours, C. (2006). Por uma teoria psicoanalítica de la diferencia de sexos. Introdução al artículo de Jean Laplanche. *Revista Alter*, (2), 1-9. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://revistaalter.com/revista/por-una-teoria-psicoanalitica-de-la-diferencia-de-sexos-introduccion-al-articulo-de-jean-laplanche/934/>>.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>>.
- Freud, S. (2006). Carta 52, de 6 de dezembro de 1896. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 281-287, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original escrita em 1896 e publicada em 1950).
- Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 5, pp. 574-575, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (2006). Romances familiares dos neuróticos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 9, pp. 219-222, J. Salomão, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1909).
- Freud, S. (2006). O ego e o id. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, pp. 15-80, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2006). A dissolução do complexo de Édipo. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, pp. 191-209, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).
- Freud, S. (2006). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, pp. 273-286, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (2006). A sexualidade feminina. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, pp. 231-251, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1931).
- Horney, K. (1991). *Psicologia feminina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- Irigaray, L. (2017). *Este sexo que não é só um sexo*. São Paulo: Senac. (Obra original publicada em 1977).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1998).
- Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico*. (C. Berliner, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 2007).
- Laplanche, J. (1988). Interpretar (com) Freud. In Laplanche, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (pp. 21-32, D. Vasconcellos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1968).
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: castração e simbolizações*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1980).
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).
- Laplanche, J. (2001). El psicoanálisis como anti-hermenéutica. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. (pp.199-212). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1995).
- Laplanche, J. (2001). El psicoanálisis: mito y teoría. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Amorrortu. (pp.213-235). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1997).
- Laplanche, J. (2015a). Níveis da prova. In Laplanche, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. (pp. 219-231). Porto Alegre: Dublinense. (Obra original publicada em 2007).
- Laplanche, J. (2015b). O gênero, o sexo e o Sexual. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. (pp. 154-189). Porto Alegre: Dublinense. (Obra original publicada em 2007).
- Laplanche, J. (2016). Sublimação e/ou inspiração. *Percurso*, 56/57, 35-52. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/254>>.
- Lattanzio, F. F. (2011). *O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Lattanzio, F. F. (2020). Gênero, sexo, diferenças sexuais: suas articulações para a constituição do enigma. In J. Laplanche, K. B. Behr, L. C. Tarelho, et al., *Três destinos da mensagem enigmática – e outros ensaios* (pp. 119–136). Zagodoni.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura* (C. I. Costa, Trad.). São Paulo: Editora 34.
- ONU Mulheres & United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). (2024). *Global study on homicide: Gender-related killing of women and girls*. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://www.onumulheres.org.br/publicacoes/relatorio-global-sobre-feminicidios/>>.
- Pombo, M. (2024). Do feminino como diferença à multidão de diferenças: feminismo, teoria queer e subversões da psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 27, e284228. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/1809-4414-2024-284228>>.
- Preciado, P. B. (2022). *Eusou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Silva, L. R. & Ferrari, A. G. (2025). Apontamentos sobre a articulação entre psicanálise e cultura na obra de Karen Horney. *Psicologia USP*, 36, e220003. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6564e220003>>.

Plural Genders within the Realm of Inspiration: Rethinking Gender through Laplanche's General Theory of Seduction

Abstract

This article examines the persistence of gender binarism through the lens of Jean Laplanche's General Theory of Seduction (GTS), in a context where non-binary and dissident gender identities are gaining visibility and challenging cis-heteronormative expectations. We suggest that gender can be understood as an effect of the enigmatic messages transmitted to the infant by the caregiving other, in a founding and asymmetrical situation, and later organized through myth-symbolic codes. The article advances a theoretical psychoanalytic inquiry based on a conceptual reconstruction of GTS in dialogue with contemporary cultural shifts around gender. We argue that acculturation is not restricted to the pole of repetition and symptom, but may also unfold through the pole of inspiration. In this sense, contemporary gender discourses may function as alternative symbolizing codes to the phallogentric and binary model, opening space for more plural forms of subjectivation and symbolization of the Sexual. **Keywords:** Gender. Plurality. Sexual. Sublimation. Jean Laplanche.

Géneros plurales dentro del ámbito de la inspiración: caminos trazados por la Teoría General de la Seducción de Laplanche

Resumen

Este artículo examina la persistencia del binarismo de género a partir de la Teoría General de la Seducción (TGS) de Jean Laplanche, en un contexto donde identidades no binarias y disidentes adquieren mayor visibilidad y ponen en cuestión las expectativas cis-heteronormativas. Se propone que el género puede entenderse como un efecto de los mensajes enigmáticos transmitidos al infante por el otro cuidador en una situación fundante y asimétrica, y posteriormente organizado mediante códigos mito-simbólicos. El artículo desarrolla una investigación teórica en psicoanálisis basada en una reconstrucción conceptual de la TGS en diálogo con transformaciones culturales contemporáneas vinculadas al género. Se sostiene que los procesos de aculturación no se reducen al polo de la repetición y del síntoma, sino que pueden desplegarse también en el polo de la inspiración. Desde esta perspectiva, los discursos contemporáneos sobre el género podrían asumir la función de códigos simbolizantes alternativos al modelo falocéntrico y binario, abriendo espacio para formas más plurales de subjetivación y simbolización de lo Sexual.

Palabras clave: Género. Pluralidad. Sexual. Sublimación. Jean Laplanche.

Les genres pluriels dans le domaine de l'inspiration: apports de Laplanche et de sa Théorie de la Séduction Généralisée

Résumé

Cet article examine la persistance du binarisme de genre à partir de la Théorie Générale de la Séduction (TGS) de Jean Laplanche, dans un contexte où les identités non binaires et dissidentes gagnent en visibilité et mettent à l'épreuve les attentes cis-hétéro-normatives. On propose que le genre puisse être compris comme un effet des messages énigmatiques transmis à l'enfant par l'autre soignant dans une situation fondatrice et asymétrique, puis organisés à travers des codes mytho-symboliques. L'article développe une enquête théorique en psychanalyse fondée sur une reconstruction conceptuelle de la TGS en dialogue avec les transformations culturelles contemporaines relatives au genre. On soutient que les processus d'acculturation ne se limitent pas au pôle de la répétition et du symptôme, mais peuvent également se déployer sous le pôle de l'inspiration. Dans cette perspective, les discours contemporains sur le genre pourraient assumer la fonction de codes symbolisants alternatifs au modèle phallogénéré et binaire, ouvrant la possibilité de formes plus plurielles de subjectivation et de symbolisation du Sexuel.

Mots-clés: Genre. Pluralité. Sexuel. Sublimation. Jean Laplanche.

Data de submissão: 13/07/2023

Data de revisão: 14/01/2026

Data de aceite: 20/01/2026